NO ESPELHO, a Shima-chan do ensino médio parecia a mesma de sempre:

“Com sono.”

Meus olhos estavam tão caídos que mal dava para saber se estavam abertos. Talvez eu devesse sentir vergonha de me apresentar ao mundo assim com tanta frequência. Será que a Adachi já me julgou por isso?

Ela nunca descontava em mim; no máximo me tocava com hesitação. Bem, exceto quando o medidor de hesitação dela atingia o máximo — aí ela explodia e me derrubava num abraço. E como ela era mais alta do que eu, eu precisava me preparar se quisesse segurá-la. Mas será que eu era tão intimidadora assim? Pessoalmente, eu achava que era muito mais amigável do que a Shima-chan da época do fundamental. *O amor é complicado.*

Por impulso, meu olhar se voltou para o canto das cigarras, que parecia subir pela minha nuca, na ponta dos pés, como se quisesse espiar por cima do muro. Era o último recesso de verão da minha vida no ensino médio, e se eu tentasse contar quanto tempo me restava nos dedos, acabaria me formando antes de terminar.

Engraçado — parte de mim achava que estaria no ensino médio para sempre, que esses dias nunca acabariam. Esse era um sentimento que eu nunca tive no fundamental, e era uma percepção estranha de se ter. Talvez fosse prova de como minha vida andava preenchida ultimamente.

“Então tenta pelo menos parecer que tá se divertindo.”

Esfreguei meu rosto todo e me forcei a dar uma risada, e então me afastei da pia do banheiro. No caminho de volta para o quarto, minha garganta seca começou a incomodar, então mudei a rota para a cozinha — e bem quando virei, um risco de luz passou por cima da minha cabeça.

“Estou sentindo a presença da Shimamura-san.”

“O resto de mim também tá aqui, sabia.”

Agarrei o gremlin que tinha se materializado de repente na minha cabeça e a arremessei levemente no ar. Quando ela girou e pousou graciosamente de pé, vi que estava vestida de pinguim. Até aí tudo bem, mas ela usava uma faixa escrita RASPADINHA, do tipo que uma cafeteria pendura na porta, atravessado na barriga.

“O que é isso aí?”

“Chique, né?”

“Hmmm…” Cutuquei a barriga dela quando ela a estufou orgulhosamente na minha direção. “Chique no úrtimo.” Eu acho.

“Eeeeba!”

Ela pareceu satisfeita, então deixei para lá. Juntas, a pinguim sofisticada e eu seguimos rumo à cozinha.

“Aparentemente, Mamãe-san não está aqui.”

“É, geralmente ela vai pra academia a essa hora.”

“Bom saber,” riu Yashiro por trás do bico.

Pensando nisso, eu sempre achei que ela espiava pela parte errada do rosto do animal. Parecia que estava sendo engolida viva. No fim das contas, eu também não tinha uma alternativa melhor. Aliás, de onde ela tirava esses pijamas de bichinho, afinal? Recentemente percebi que os animais que ela escolhia combinavam perfeitamente com os das enciclopédias da minha irmã, mas fora isso, eu jamais conseguiria entender a lógica por trás da mente de um alienígena.

Assim que abri a geladeira, a pinguim disparou para ver o que tinha dentro, e eu tive que segurá-la para ela não entrar. Foi então que minha irmã entrou na cozinha, a pele agora dourada pelo sol, com pequenas marquinhas claras aparecendo sob as mangas.

“Olha só quem apareceu! A Pequena!” A pinguim virou-se e foi se arrastando até ela.

“Oi, Yachi. Vejo que hoje você tá… tipo *Happy Feet*.”

“Achou chique?”

“Que isso?”

“Ela não sabe! Ha ha ha!”

“Precisa ser grossa desse jeito?!”

Enquanto minha irmã se divertia puxando as bochechas da Yashiro em todas as direções, eu me servi de um chá de cevada. Em vez de voltar para o quarto, sentei à mesa e fiquei observando as crianças brincando. Depois me levantei, servi mais duas xícaras e entreguei para elas. “Toma.”

“Uau. A Nee-chan sendo gentil? Que milagre.”

“Para de se achar tanto.” Belisquei (o que imaginei ser) o nariz empinado dela, e ela soltou um gritinho.

“Muito grata,” respondeu a pinguim ao pegar sua xícara. A escolha de palavras soava absurdamente formal, em contraste com o sorriso abobalhado no rosto dela.

“Sabe, eu sempre quis saber: onde você aprende essas coisas?”

“Assistindo televisão com o Papai-san, é claro.”

“Aff, você vê TV demais…”

Ultimamente, eu costumava vê-la na sala à noite, sentada em frente à TV ao lado do meu pai. Aparentemente ele já tinha se acostumado com a presença dela — tanto que, sempre que trazia guloseimas para casa, trazia a mais só para

ela. E outro dia mesmo ele me disse, todo contente: “Parece que ela é uma alienígena! A primeira que eu vejo.” E tudo que consegui responder foi: “Sério mesmo?”

Sendo generosa, a família Shimamura era de mente aberta; sendo mais realista, a gente simplesmente não ligava muito. E isso me incluía.

“O que você quer fazer hoje?”

“Peço humildemente uma guloseimazinha.”

Pelo jeito de falar, dava para sentir a influência da minha mãe.

“Se você pedir com jeitinho, Nee-chan, talvez a gente até deixe você ir com a gente.”

“Olha aqui, pirralha, no momento, estou super dedicada aos estudos. Tenho várias faculdades pra aplicar.”

Sem brincadeira — eu realmente estava levando isso a sério. Depois que entrei no terceiro ano do ensino médio, pensei nisso de forma meio aleatória e decidi tentar o ensino superior. E quando perguntei para os meus pais se tudo bem, eles disseram que sim.

“Nee-chan… você vai mesmo pra… faculdade?” perguntou minha irmã, encarando o chão.

“Essa é a ideia.” *Supondo que eu passe.*

“Ho ho… Harvard, talvez?”

“Você já ouviu falar de Harvard?”

“O berço do queijo Harvardi!”

“Acho que você quis dizer Havarti…”

A pinguim sorriu, nostálgica, como se estivesse lembrando do gosto, então decidi não dizer nada. Enquanto isso, minha irmã trouxe o assunto de volta ao ponto principal: “Isso quer dizer que… você vai se mudar?”

Foi a primeira pergunta realmente direta que ela me fez. Seus olhos tremiam de incerteza, lembrando os tempos em que ela ainda me tratava com respeito de verdade. E eu achando que ela já nem me amava mais… *Pois bem.*

“Não, vou me matricular em algum lugar perto de casa.” Se eu tentasse morar sozinha, já dava pra prever que minha vida ia virar um caos, e sei lá o que viria depois disso.

“Hmmm. Tá bom, então.” Ela levantou o olhar para mim com um sorriso fraco, do tipo que dizia que só metade das preocupações dela tinham sido acalmadas.

“Ah, entendi. Tá com medo de sentir saudade de mim!” provoquei.

“Tô nada!” Ela me deu um chute na canela por baixo da mesa.

“Já sei o que fazer. Vou aliviar essa solidão com uma bela massagem!”

“Mmfffmmghh!”

Agarrei as bochechas dela e puxei para todos os lados, do mesmo jeito que ela estava fazendo com a Yashiro antes. Nesse momento, me ocorreu que um dia a gente teria que se separar, e aí comecei a ficar meio sentimental.

Lá no fundo, eu gostava de viver nessa casa. Agora que tinha sobrevivido à maior parte da puberdade, com a fase rebelde da Shima-chan do fundamental no meio, eu conseguia admitir isso. Talvez fosse por isso que minha mãe nunca pegava muito no meu pé — tirando as provocações ocasionais. Ela provavelmente sentia isso, mesmo eu nunca dizendo em voz alta. *Ela é tão flexível que chega a ser preocupante.*

“Oh?” Nesse instante, o sorriso da Yashiro sumiu, e ela olhou para a parede da cozinha. “Parece que seu telefone tocou, Shimamura-san.”

“Sério?” Se tocou, eu não ouvi. Mas essa alienígena conseguia perceber coisas num nível totalmente diferente do nosso, então resolvi confiar e fui checar. “Cuida pra sua pinguim não entrar na geladeira,” avisei minha irmã enquanto saía. E como esperado, no canto do olho, vi ela segurando a pinguim, que se debatia desesperadamente tentando escapar.

Viver com uma pinguim de estimação… Realmente, chique no úrtimo.

Caminhei pelo corredor pegajoso e úmido de verão e voltei para o meu quarto. Fiquei ali parada por um momento, tentando lembrar onde tinha deixado o celular. *Ah, é mesmo*; tinha colocado para carregar. Peguei ele de onde estava.

“Hmm, olha só, tem uma mensagem. Da Adachi.”

Muito bem, pinguim. Além de ouvir sons distantes de celular, ela também conseguia, de alguma forma, detectar quando alguém estava se aproximando da casa. Se eu perguntasse como ela fazia isso, ela só ria em resposta, então desisti e aceitei como parte da vida.

“*Pode ligar...* Mensagem enviada… Eeeela tá ligando.”

Toda vez que isso acontecia, eu sempre pensava que seria mais eficiente se eu mesma ligasse antes — mas parte de mim era contra colocar eficiência em primeiro lugar nesse tipo de relacionamento. Até porque a Adachi nunca parecia pensar nisso. Aliás, os únicos laços que ela realmente tinha eram comigo e com a mãe dela… *Pensando bem, talvez nem a mãe conte.*

“Alô—”

“Alôôôôu?” Interrompi antes que a Adachi das profundezas completasse, e esperei pela reação.

“…Alôôôôu…”

“Eu vivo dizendo isso, mas adoro esse jeitinho seu.”

Adoravelmente patética, alguém poderia dizer. Mas “patética” era meio cruel demais. Afinal, ela era muito mais forte do que eu — e nesse caso, “forte” significava que ela se esforçava para não cair em risadinhas estranhas quando ficava sem graça. Por outro lado, se um dia ela parasse completamente de se atrapalhar comigo, acho que eu sentiria falta. Egoísmo meu, eu sei.

“Então, o que foi? Só queria bater papo?”

“Quero sim, então…”

“Então?”

“Posso ir aí agora?”

“Na minha casa? Pode, mas tá bem quente aqui.”

O antigo quartinho no segundo andar, que virou sala de estudos, até tinha um ar-condicionado, mas ultimamente ele estava dando os últimos suspiros. Eu só conseguia sobreviver ao verão combinando ele com um ventilador elétrico. Então por que a Adachi se daria ao trabalho de vir?

Pra me ver, dã, percebi, e sorri quietinha feito uma idiota.

“É que… faz tempo que eu não te vejo, né…”

“U-uh… t-tem certeza disso…?” Contei nos dedos para conferir. *É, só tinham se passado, tipo, três dias.* “A gente não saiu num encontro faz três dias?”

Nosso destino do encontro: o shopping. Sério, praticamente não havia outro lugar onde a gente pudesse ir por aqui. Além disso, o shopping tinha basicamente tudo que a gente podia querer, então não era nenhuma surpresa o estacionamento estar sempre cheio.

“Sim. Três dias inteiros.” Eu praticamente podia ouvir o biquinho dela pelo telefone, e isso me fez rir.

“Três dias de sofrimento, hein?” *Um inferno para a Adachi das Profundezas*, brinquei comigo mesma.

“Cada segundo sem você é como, tipo, cem anos… ou algo assim. É muito tempo.”

“Ai, Adachi, você é uma poetisa mesmo.”

De vez em quando, o amor que ela sentia por mim parecia tão exagerado que eu começava a me perguntar se realmente merecia tudo aquilo. Não que fosse uma crítica a mim — longe disso —, mas… era tão grande, tão intenso, que lançava uma sombra sobre mim, me forçando a me encarar mais de perto. De repente, estar de pé enquanto falava no telefone virou uma tortura, então me joguei em cima de um monte de cobertores dobrados, usando-os de almofada enquanto encarava o teto sem pensar em nada.

“Ah, já sei. A gente podia… e se a gente… estudasse… juntas?”

Clássica Adachi, tropeçando nas próprias palavras. “Claro, bora fazer uma festa de estudos.” Era algo que eu nunca tinha feito antes, e a ideia até me animava. Para falar a verdade, eu quase nunca ia a festas. A última deve ter sido… alguma coisa das escoteiras. “Tá bom, estarei aqui. Vem com calma, sem pressa, senão você acaba se machucando.”

“Táokflw.” Ela respondeu tão rápido e desligou tão de repente que deu para perceber que não ouviu uma palavra do que eu disse.

Por um instante, larguei o celular de lado e abri os braços. Mas percebi que, se continuasse ali deitada, ia acabar pegando no sono, então voltei a me sentar. Antigamente, eu fecharia os olhos e fingiria que precisava “pensar um pouco”, então dava para ver que algo em mim havia mudado.

De fato, muita coisa mudou desde que conheci a Adachi. E quando colocava tudo isso na balança, acabava encontrando a motivação que eu precisava. Ela era minha energia — e isso era incrível. Depois de perceber o que me faltava esse tempo todo, comecei a admirar ainda mais aquela criaturinha cheia de fogo.

Mas enfim, uh… não querendo estragar toda essa vibe de “motivação” de que eu acabei de falar, mas… uma festa de estudos… na minha casa… com a Adachi…

“Hmm.”

É, isso provavelmente não vai rolar, né?

***

Sentei em frente ao ventilador elétrico, observando uma pinguim flutuar no ar bem diante de mim. Isso por si só já era uma prova de como o verão acabava com a gente — eu nem tinha mais energia para me surpreender. Embora eu admita: ver ela fazer isso na forma de uma água-viva foi ainda mais surreal.

Uma vez, quando perguntei como ela fazia isso, ela realmente me deu uma resposta. Para ser sincera, era tão complicada que eu não entendi nada. Tudo que consegui lembrar foi que ela disse que tecnicamente não estava flutuando — só… reescrevendo suas coordenadas, ou algo assim. Aí comecei a pensar que talvez essa alienígena fosse na verdade um gênio galáctico e que, por trás daquele jeitinho inocente, existia um monstro astuto esperando o momento certo para dominar o mundo. Então levei um pacote de Sakuyama Chocojirou para ela, e ela comeu com aquele mesmo sorriso bobo de sempre. E foi assim que eu salvei o Planeta Terra… talvez. Mas enfim.

Fiquei escutando atenta, torcendo para desenvolver alguma habilidade especial também. Mas eu não fazia ideia do que exatamente devia estar sentindo, então o máximo que consegui foi mexer as orelhas. Quanto mais eu ficava ali em silêncio, mais minha atenção se voltava para o som lento do meu próprio coração.

Será que estou fazendo certo? Talvez eu devesse pensar um pouco mais na Adachi…

Enquanto esses pensamentos soltos agitavam a escuridão do meu coração, a pinguim pousou gentilmente ao meu lado, depois apontou uma asa rigidamente na direção do corredor. “Adachi-san está se aproximando.”

“…Caramba, eu não percebi nada…”

Eu queria muito conseguir notar a chegada dela como a Yashiro conseguia, mas não rolava. Talvez se ela estivesse lá fora cantando tão alto quanto as cigarras… Pena que não era só uma questão de sentir o amor dela, porque, nesse caso, eu provavelmente conseguiria sentir mesmo do lado escuro da lua. Não, é sério, com certeza.

Dito isso, o amor não vinha com um sentimento único e bem definido — então, afinal, o que ele era, exatamente? Um dia eu queria descobrir uma resposta que não fosse científica. E claramente isso não ia acontecer se minha única esperança fosse algum órgão misterioso de um alienígena. Mas, sei lá… talvez a Adachi acabe encontrando essa resposta um dia.

“Você tem uns talentos bem estranhos pra uma criança que nem consegue lavar a louça.”

“Ha ha ha! Se você não consegue sentir, então é só ir lá fora esperar por ela.”

“Mrgh… Nunca sei se o que você fala é profundo ou só viagem. Agora vai achar minha irmã.”

Dei um empurrãozinho na pinguim por trás, e ela saiu correndo pelo corredor. Por que essa criatura bizarra tinha decidido morar com uma família basicamente normal, tirando a mente absurdamente aberta da minha mãe? Ela podia muito bem ter escolhido a casa da Hino, que tinha um quintalzão e espaço de sobra para uma alienígena. Então por que aqui? Será que o “destino”, como ela tanto dizia, tinha algo a ver com isso?

Em busca do meu próprio destino, fui até a porta da frente. Minha velha bola de basquete ainda estava ali na estante, como se fosse um enfeite, acumulando poeira; passei a mão por cima dela e depois a coloquei de volta no canto. Sempre que eu tocava nela, sentia como se tivesse voltado para o ensino fundamental.

Antes que ela tocasse a campainha, destranquei a porta — e, quando saí, fui recebida pelo sol forte e pela sombra de uma bicicleta.

“…Shimamura?”

“Sou eu mesma. E você é a Adachi Sakura.”

Adachi me encarava de olhos arregalados, em pé ao lado da bicicleta. *Uau, ela já estava vindo mesmo*, pensei, impressionada com o superpoder da alienígena.

"Ah… hum… você ficou esperando aí o tempo todo…?"

Seus olhos brilharam esperançosos, como dois sóis em miniatura. Se os papéis estivessem invertidos e eu estivesse indo para a casa dela, provavelmente ela esperaria por mim na porta exatamente da mesma forma. Não que ela já tenha me convidado! Uma vez, brinquei dizendo que queria ver o quarto dela, e em resposta, ela balançou a cabeça com força. O que exatamente ela escondia lá? Um altar da Shimamura onde rezava toda noite?

"Bom, eu meio que senti que… alguém estava me dizendo que você estava aqui." Comecei a contar uma mentirinha preguiçosa, mas acabei tropeçando nas palavras. Agora eu parecia uma maluca… e ainda assim, o rosto da Adachi se iluminou com um sorriso lindo.

"Isso é… meio que incrível!"

Se fôssemos nós nos lugares uma da outra, eu perguntaria se ela estava alucinando. Mas, pelo visto, essa possibilidade nem passou pela cabeça dela.

"Ha ha ha!"

Já era tarde demais para contar que eu não tinha sentido nada de verdade, então comecei a me sentir meio culpada. Mesmo assim, peguei a mochila dela da cesta da bicicleta e a levei comigo para dentro de casa. Lá, fiz uma pose animada.

"Sou eu, a Shima-chan colegial!"

"Uhhhhhhhhh… o quê?" Ela pensou por um instante, mas no fim das contas não entendeu. Foi hilário ver os pontos de interrogação surgirem sobre a cabeça dela.

"Só senti que precisava dizer isso. E também isso aqui."

Comecei a passar por ela — em direção à porta da frente fechada. Sem a menor ideia de para onde eu achava que estava indo. Mas antes que eu conseguisse fazê-lo, ela deslizou para frente, bloqueando meu caminho. Pelo visto, nenhum desencontro hoje.

"E assim nossa história começou."

Os olhos dela agora se encheram de pontos de interrogação. "Desculpa, Shimamura. Hoje tô com dificuldade de te acompanhar."

"Tudo bem. Tem dias que são assim." E como normalmente era ela quem funcionava a todo vapor, eu merecia um turno de vez em quando. "De qualquer forma, bem-vinda! Vou te mostrar o caminho pro segundo andar, como sempre."

"Obrigada por me receber… Ah, e sua mãe?"

"Ela tá na academia, então não precisamos ir lá dar oi." Lancei um olhar para a pele de porcelana que aparecia sob a saia dela, e então subi as escadas.

Ela ainda usava o prendedor de cabelo que eu tinha dado há um tempo, e fiquei impressionada com o cuidado que ela tinha com aquilo. Com a Adachi, na verdade, eu me impressionava com frequência; a vida dela era tão estranha e nova para mim. E, ainda assim, apesar de todas as nossas diferenças, estávamos

juntas. Passei a maior parte do ensino médio lidando com o comportamento esquisito dela, mas estava satisfeita com como as coisas tinham se desenrolado. Talvez fôssemos mesmo compatíveis.

Dentro da sala de estudos, o ar-condicionado trabalhava feito louco. Apesar de eu já estar usando aquele velho quartinho há um bom tempo, ele ainda acumulava bastante poeira toda vez que eu abria a porta. Talvez cômodos, assim como as pessoas, tivessem certas qualidades inatas com as quais já nasciam.

"Feliz de me ver depois desses três dias torturantes?"

"Sim." Ela colocou uma mecha de cabelo atrás da orelha e me encarou com intensidade enquanto ficamos frente a frente. Nenhuma de nós tinha para onde fugir. "Minhas... minhas plantações foram regadas."

"Vocabulário impressionante esse seu. Vou considerar isso um elogio."

Me imaginei caindo como chuva e me infiltrando naquele corpinho murchinho, encharcando tudo. Mas, apesar de tanta “umidade”, ela estava sentada rígida como uma tábua no chão. A postura era tímida e recatada, mas, com aquela blusa de ombro caído, ela acabava mostrando bastante pele.

Eu devia ter me trocado! Me xinguei mentalmente ao olhar para minha velha camiseta do pijama toda surrada. Tinha até um furinho na parte de baixo também. E como eu não ia sair de casa, nem maquiagem estava usando. O tempo que eu podia ter gastado me arrumando, na verdade, passei... hum... tentando despertar algum superpoder latente.

Por mais que ela me amasse profundamente, eu precisava me esforçar um pouco mais antes que ela desistisse de mim de vez. *Ela está sempre impecável...* Quando olhei bem para o rosto dela, ela se assustou e endireitou as costas curvadas.

"Q-quê, o quê?!"

“Eu estava procurando pelas plantações.”

Ainda estava quente no quarto, então liguei o ventilador elétrico. O ventilador do primeiro andar tinha perdido todas as hélices, mas esse que veio para o segundo andar ainda não tinha morrido completamente. Girava como um moinho de vento verde pequeno. Enquanto isso, Adachi puxou um caderno e um estojo da mochila e os colocou na beira da mesa.

“Uau, você realmente trouxe material de estudo?”

“O quê?!”

“Quero dizer, a gente vai estudar.”

Eu estava achando que acabaríamos conversando o tempo todo. Coloquei o pelúcia de foca de lado e me acomodei no meu lugar na mesa. Do outro lado, ela se ajeitou sobre os joelhos. Enquanto a observava se mover, ela corou levemente; tentou sorrir, mas falhou, e os olhos dela ficaram marejados.

Sempre que eu estava por perto, Adachi parecia esquecer como sorrir. Lendo assim, você pensaria que eu a intimidava de alguma forma. Mas, embora eu nunca tivesse visto isso com meus próprios olhos, ouvi dizer que a personalidade normal dela era fria e calculista — ainda mais fria do que a versão dela que eu conheci primeiro. O tipo de garota que usava uma expressão impassível com qualquer um. Coisa assustadora.

“Ei, Adachi, tenta ser fria por um tempo,” sugeri, mais como brincadeira.

“Ser… fria?” ela repetiu, segurando o bíceps. Parecia não entender. “Você tá dizendo que quer ir na piscina ou algo assim?”

Essa foi uma interpretação bem engraçada. *Piscina, hein?* Uma sugestão válida, mas eu não queria correr o risco de encontrar aquele monstro *kappa* na academia de novo.

“Não, quero dizer no jeito de ser. Quero ver como é a sua versão normal.”

“A minha normal? Eu sempre sou normal… Isso aqui é o meu normal.”

“Tem certeza? Um passarinho me contou que você normalmente é calma e centrada.”

No ensino fundamental, a personalidade dela combinava perfeitamente com as roupas modestas que ela estava usando agora. Obviamente, eu queria ver isso com meus próprios olhos. Claro que eu morreria antes de mostrar para alguém como eu era no ensino fundamental, mas isso não era sobre mim!

“Eu já sou calma do jeito que sou.”

“Você teeeeem certeza?”

Me levantei, dei a volta na mesa e me inclinei sobre ela. A suposta compostura dela desapareceu num instante, quando ela inclinou todo o corpo com força para a esquerda. Eu me aproximei, e… *bem, e agora?* A guarda dela estava totalmente baixa, e tudo o que consegui pensar foi no mais clichê assédio sexual.

A luz fazia o cabelo escuro dela brilhar em azul e dava um toque de verde aos olhos; os traços do rosto ainda carregavam vestígios sutis da infância. Quando parei para observá-la melhor, ela era a beleza encarnada. Perfeita. Sem vergonha nenhuma.

As bochechas pareciam tão macias — e realmente eram. Os ombros dela se estremeceram quando eu delicadamente segurei o rosto dela com as mãos. Agora os olhos brilhavam com uma mistura de incerteza e algo mais. Então eu apertei as bochechas dela até ficarem achatadas.

“Eee hee hee…” Rindo de forma sinistra, voltei para o meu lugar. Para ser sincera, simplesmente não conseguia pensar em mais nada para fazer com ela.

Ok, isso não é verdade — eu pensei em algo, mas não tive coragem de agir, então fugi. Uma parte de mim hesitou, preocupada se aquilo não estava certo. Especialmente porque a Adachi era o tipo de garota que me deixava escapar impune de qualquer coisa. *Somos duas nerds desajeitadas*, pensei comigo

mesma enquanto apoiava o queixo na mão e sorria para a parede para esconder o constrangimento.

“Shimamura…?”

“Hee hee hee…”

De vez em quando eu ouvia a Yashiro e minha irmã gritando lá embaixo por algum motivo. A voz da Yashiro era especialmente alta.

“Quando voltarmos pra escola, o festival cultural já vai estar batendo na porta, né?” Achei melhor mudar de assunto para algo mais típico do ensino médio, só para variar.

Depois de arrumar o material dela, Adachi ficou mexendo os dedos, toda nervosa. Aí ela processou a frase estranha e inclinou a cabeça confusa. “Nossa escola tem festival cultural?”

“Acredite se quiser, sim, sempre tem.” Estranho — não me lembrava de ter participado no ano passado, nem no anterior. “Como a gente não tá em nenhum clube, não vamos ter muito o que fazer, mas é isso…”

“Hum.” Ela nunca demonstrou interesse por eventos da escola, então a reação inicial foi meio apagada. Depois ela entendeu o que eu quis dizer, e a voz dela subiu uma oitava. “A gente poderia… explorar juntas!”

“Claro, parece ótimo.”

Ela não precisava se apressar. Eu não tinha mais ninguém para ir junto — nem uma alma sequer. A adorável e doce Adachi era meu tudo.

“Enfim… vamos começar a estudar, ou algo assim…?”

“Você não parece animada.”

“Ninguém nunca fica animado pra estudar!”

Pelo menos, meu cérebro não funcionava assim naturalmente. Mesmo assim, eu vinha me esforçando todos os dias até agora, então, se você me perguntasse, eu estava até bastante determinada com o meu futuro no momento. Eu sabia que, se começasse a relaxar, meu caminho se separaria do da Adachi; por isso meu cérebro estava disposto a trabalhar duro por enquanto.

Estou fazendo algo bom, disse a mim mesma enquanto abria meu livro e caderno. Naturalmente, só quando as férias de verão já tinham começado é que comecei a pensar se não seria melhor me matricular numa escola de reforço em vez de estudar sozinha. Será que era a jogada mais inteligente? Se tivesse uma perto daqui, eu poderia até me imaginar frequentando — ou será que já era tarde demais? *Talvez eu devesse procurar cursos de verão na internet.*

Grande parte da minha vida tinha começado mais tarde do que deveria. Tarde demais, em muitos casos. Então, no momento, era geralmente uma boa ideia não procrastinar em nada importante. Essa mentalidade certamente reduziria pelo menos um arrependimento no futuro.

Hoje eu revisaria tudo o que tinha anotado ontem. Acredite se quiser, voltar ao material antigo realmente ajudava a fixar… pelo menos era o que parecia para mim. Enquanto eu olhava para o caderno, me peguei inclinando para frente, mas me corrigi, voltando para uma boa postura.

Foi então que, ao olhar para cima, cruzei o olhar imediatamente com a Adachi, que, por algum motivo, desviou o rosto na hora. Além disso, ela começou a bater na barriga como um lutador de sumô se preparando para uma luta. Comecei a perguntar o que havia de errado, mas então percebi que talvez tivesse a ver com a direção do olhar dela.

Ela não estava olhando nem para o livro nem para o caderno, então para onde estava olhando? Recriei a trajetória daquele olhar na minha mente. Primeiro, estendi um dedo na frente dela. Quando ela se assustou e recuou, fui puxando o dedo devagar para trás, traçando a direção.

“Ah, er, n-não, eu não estava…!” ela começou a gaguejar, mas eu ignorei e continuei minha inspeção. O dedo chegou ao meu peito.

Agora mesmo, o olhar da Adachi estava em algum lugar na altura do peito — no meu peito. Olhei para baixo, para aquela camiseta velha e surrada, cujo slogan em inglês já tinha desbotado completamente na lavagem. Considerando o quanto a gola estava esticada, talvez eu tivesse, sem querer, dado a ela uma visão mais reveladora quando me curvei.

Hum. Entendi.

Levantei o olhar e a encontrei sentada ali, com o rosto parecendo coberto de geleia de morango — tão vermelho, que ameaçava manchar os dentes de rosa enquanto eles apareciam por trás dos lábios úmidos. Mas eu gostava de geleia de morango, e gostava da Adachi, então fiquei na dúvida se não era o caso de simplesmente ignorar, como quem aceita um combo 2 em 1. Ainda assim, não podia fingir que não estava um pouco envergonhada também; o calor nas minhas orelhas era prova suficiente.

“Adachi, uh…” hesitei, sem saber se devia dar esse passo. Meu pé ficou suspenso no ar, esperando ordens.

“É… sou eu…”

Parecia que cada molécula do corpo dela estava tomada pelo pânico. *O que eu faço?* Minha indecisão girava em círculos como uma caneta entre os dedos. Eu poderia ter ignorado e voltado a estudar, mas uma parte de mim sentia que esse era outro assunto importante para não procrastinar. Agora que ela e eu estávamos namorando, precisaríamos falar sobre isso mais cedo ou mais tarde — então decidi que aquele era um bom momento. As palavras saltaram da minha boca, avançando sem pensar.

“Adachi, você tava me olhando?”

Agora que eu tinha dito, a lembrança disso impediria qualquer tentativa de voltar atrás. Enquanto isso, eu praticamente via vapor saindo da cabeça dela — e um momento depois, ela bateu o rosto direto na mesa. O impacto foi tão forte que a vibração passou pelas pernas da mesa e pelo chão até chegar em mim.

Por um segundo, fiquei atônita, mas quando ela não levantou a cabeça depois, comecei a me preocupar ainda mais.

“Uh, Adachi?!”

“...Eu não tava olhando.” Aparentemente, essa era a melhor resposta que ela conseguia dar. Mas agora eu queria saber se ela estava bem da cabeça — fisicamente, claro.

“Você não deveria, uh… bater o rosto assim.”

“Tá tudo bem. Já tô calma agora.”

Essa compostura dela custou uma marca visível na testa. O rosto estava rígido, mas o lábio inferior tremia, e eu conseguia perceber que ela segurava conscientemente uma verdadeira torrente de sentimentos à moda Adachi. Uma parte de mim ficou confusa com a reação dramática, mas já que fui eu quem trouxe o assunto, desistir não era opção. Eu sabia que, se tentasse voltar a falar disso no futuro, tudo aconteceria de novo.

“Mas agora, uma pergunta séria. Quero ter certeza do que você espera do nosso relacionamento.” Enquanto falava, não conseguia parar de desenhar círculos no meu joelho. Ainda não sabia exatamente por que sentia que não conseguia ficar parada sem mexer.

“Do nosso relacionamento? Tem… muitas coisas,” ela murmurou, como se a boca estivesse cheia de doce.

Muitas coisas? Será que não estou suprindo as necessidades dela? Hmm. Evidentemente, minha aparência não era a única coisa que eu precisava começar a melhorar. Nesse caso… “Já sei o que fazer.”

“Hhhg?!”

Caramba, que som foi esse? Levantei a mão como se fosse fazer um juramento. “Vou te fazer algumas perguntas agora.”

“Huhggh?!”

Se ela já estava mordendo a língua nesse estágio, corria o risco de arrancá-la de vez. Comecei a ter dúvidas. “São perguntas importantes — pra nós duas — então tenta responder honestamente, sem ficar constrangida.”

Eu mesma estava me sentindo bastante constrangida, então não tinha intenção nenhuma de torturá-la. Analisando o amor dela por mim, poderíamos guiar nosso relacionamento na direção certa. Ou pelo menos foi o que decidi agora.

Ela respirava fundo várias vezes, mas parecia que o ar escapava nas palavras. “Mas eu… sempre… fui honesta com você…” Pelo visto, estava tão em pânico que precisava espaçar as palavras só para conseguir falar. Preocupante! Por outro lado, talvez não fosse tão diferente do jeito normal dela.

E então eu fiz para ela o tipo de pergunta que, se os papéis fossem invertidos, teria me feito sair correndo da sala.

“Percebi que você estava olhando para os meus… peitos? Meus peitos, certo?”

“Eu não estava olhando.”

“Eu disse pra ser honesta!”

“Não seja boba… Shimamura.”

A voz dela tremia toda, mas por algum motivo isso parecia ajudá-la a falar com mais fluidez. Talvez o cérebro dela tivesse se desligado de tudo, exceto da língua. Eu podia imaginar algo girando em círculos na cabeça dela — estrelas, talvez.

“Tá tudo bem, sério. Quero dizer, você estava me olhando bem de perto no banho durante a viagem da escola.”

“Eu só—! Eu… tava…” Sem conseguir pensar em uma desculpa, ela começou a se atrapalhar. “Eu… só tava olhando… só isso…”

“Caramba.” Se eu tentasse perguntar por que ela estava olhando, já sabia que ela ia repetir “só olhando” várias vezes. “Então você também tava ‘só olhando’ há um segundo atrás?”

Ela balançou a cabeça vigorosamente. “Eu realmente não vi nada… só…”

“Só o quê?”

“Só a camiseta!”

Ela estava firme, como se a vida dela dependesse disso. Mas se eu deixasse passar, a conversa acabaria ali. Tentei pensar no que fazer, mas parecia que a única opção era encarar a situação com toda sinceridade.

“Adachi, você não precisa ficar envergonhada por isso. Por favor, só seja honesta comigo. Eu preciso aceitar essas coisas antes de estar preparada pra elas… E prometo que, não importa o que você diga, eu não vou te odiar por isso! Pelo contrário, vou te amar ainda mais!”

A última parte soou meio apressada demais para ser convincente, até para os meus próprios padrões. E eu sabia que estava pedindo muito ao pedir para ela admitir a verdade sem sentir vergonha. Mas eu não tinha muitas oportunidades para confrontar essas coisas de verdade, e queria que ela fizesse isso comigo.

Quando ela me olhou com medo, como uma criança perdida procurando a mãe, respondi com um sorriso aberto. Esse método era surpreendentemente eficaz quando eu tinha dificuldade para me abrir com as pessoas. Então eu mesma o usei como arma.

Quando ela viu que eu estava levando aquilo a sério, pareceu relaxar um pouco, voltando para a mesa. Os dedos dela batiam ansiosos nos joelhos.

“…Eu tava olhando. Me desculpa,” confessou timidamente, como uma criança pequena.

“Você não precisa se desculpar.” *Provavelmente.* “Agora, voltando à minha primeira pergunta. Lá no fundo, tem algo, sabe... Sentimentos... Desejos...”

Tropecei nas palavras, buscando um jeito sutil de falar. Daria tudo por um bom dicionário de sinônimos. Mas, se tentasse usar um, acho que viraria geleia de morango de tanto nervoso. Ela e eu estávamos queimando tão intensamente que o ar-condicionado e o ventilador juntos não davam conta. Nosso relacionamento havia passado da primavera para um verão escaldante.

“Ok, ok, ok… Vou resumir tudo. Você quer fazer coisas sexy comigo?”

Foi surpreendentemente mais fácil simplesmente dizer na cara. Enquanto meu queixo descansava na minha mão, meus dedos batiam inquietos na orelha, fazendo um som parecido com o barulho da chuva. Do outro lado da mesa, eu a vi puxar um ar tenso. A expressão dela mudava tão rápido que eu comecei a me preocupar que ela pudesse até passar mal.

“Pela terceira vez, eu realmente só quero, sabe… sua opinião sincera sobre isso. Quero ter certeza de que suas necessidades estão sendo atendidas.”

Se eu tivesse que adivinhar, era isso que significava levar alguém a sério. Especialmente se essa pessoa fosse sua namorada. *Namorada...* Só de pensar nessa palavra minha pele já coçava. Às vezes eu me surpreendia ao lembrar que tinha uma namorada. E naquele momento, a garota em questão estava lutando com uma pergunta particularmente delicada.

“Ado…ma…waba…”

“O que foi isso?”

Eu quase conseguia ver estrelas girando em volta da cabeça dela, como em desenho animado. “Nnn,” ela choramingou, olhando para mim. Se ao menos sua língua fosse tão expressiva quanto aqueles olhos de cachorrinho. “E você?”

Espera, o quê? Aquela confusão de sons era para contar como resposta? Por outro lado, era óbvio pelo jeito que ela gaguejava e evitava contato visual. Ela conseguia transmitir tantos sentimentos sem dizer uma única palavra, projetando tudo com o coração e a alma… e provavelmente era isso que eu amava nela.

“E eu?”

Os olhos molhados dela despencavam, virando para baixo, depois piscavam para cima, para mim. “Você sabe…Shimamura…sexy…”

“Por favor, não abrevie assim.”

Meu nome é Shimamura Hougetsu, muito prazer. E o seu é Adachi Sakura… sabe, A.S. Só uma letra de distância de uma palavra bem safadinha em inglês. Enquanto eu tinha esses pensamentos bobos, fiquei remoendo a pergunta dela.

“Bem, vamos ver… Hmmm…” Simplificando, ela estava mais ou menos perguntando se eu queria fazer coisas sexuais ou se eu já tinha olhado para ela dessa forma. *Hmmm*. Comecei a observá-la de cima a baixo. “Pra ser totalmente honesta, não posso dizer que já tenha pensado nisso antes.”

Ficar com ela era divertido, mas eu não conseguia me lembrar de ter imaginado como ela era por baixo das roupas. Eu simplesmente abraçava a versão dela que

já estava bem na minha frente. Mas talvez isso não fosse o que ela esperava. Será que ela conseguiria aceitar?

Enquanto ela continuava a me olhar de relance, seus lábios começaram a fazer um biquinho. “Então esquece.”

“Ah, não faz biquinho…”

“Não estou fazendo. Não é isso… Ok, ok, ok. Você quer que eu diga? Eu digo… Se você tá perguntando se eu tenho… esses pensamentos… então, bem, você sabe. Mas tem que ser mútuo.” Ela se sentou ereta, encurtando a distância entre nós. De fato, sempre que ela queria avançar, ela ia direto ao ponto. “Então eu vou esperar… sabe… até você ficar sexy.”

“…Adachi…”

Admirei a coragem dela, mas também: precisava dizer desse jeito? Minha mente ficou em branco só de tentar pensar em uma resposta.

Ainda assim, fiquei surpresa com a paciência dela em esperar. Antes, ela agiria impulsivamente. Talvez ela tenha percebido como eu me sentia. Bem, se isso a deixava pelo menos um pouco tranquila, então… eu estava bem satisfeita.

“Desculpa ser tão lenta, Adachi.”

“Cê-não-cê-não-tô-bem.” Ela parecia que ia desmaiar, e eu rapidamente segurei uma risada.

“Dito isso, pessoalmente… eu quero mostrar minha gratidão pela sua gentileza, então… você pode me tocar um pouco, como um agrado.” Abri os braços, convidando-a a se soltar.

“Hoh?” Os lábios dela formaram um círculo perfeito para aquele gemido meio bobo.

“Onde você quiser me tocar. Só um lugar, mas pode ser qualquer um.”

Como ela era minha namorada, certamente não faria mal. Por um momento, pensei que talvez não devesse fazer essa oferta tão de leve, mas logo mudei de ideia. Era a Adachi com quem eu estava falando. Não importava onde ela me tocasse, eu não ficaria enojada — no máximo, envergonhada. *O amor vence tudo.*

Enquanto isso, ela ainda estava paralisada, soltando vapor daquele círculo perfeito. “Posso tocar… seu corpo…?”

“Quero dizer, não precisa ser no meu… Espera, não, precisa sim.” Eu só podia dar permissão em meu próprio nome, não no de outra pessoa.

As pontas delicadas dos dedos dela se curvaram levemente, como se estivessem desenhando cada letra da palavra “tocar”. Ela olhou ao redor da sala, depois se encolheu silenciosamente, se contorcendo e esfregando a testa no chão. Enquanto rolava na posição fetal, de repente arqueou o corpo para trás como um camarão, e logo em seguida se encolheu novamente. Os olhos dela estavam arregalados e vazios, o suor brotava em seu corpo, e eu assisti enquanto seus

lábios antes brilhantes murchavam e secavam diante dos meus olhos. Ela estava queimando toda a energia do corpo.

Uau. Se eu tivesse que adivinhar, Adachi sofria mais intensamente do que qualquer outra garota no mundo inteiro. Era a primeira vez que eu via um ser humano se contorcendo como um bicho-da-seda aflito no chão, e, pelo que eu podia julgar, a mente dela era uma briga de bar entre conflito, desejo, princípios, medo e integridade. Então, quem venceria? O desejo derrubaria os outros com um golpe giratório? Ou a integridade saltaria das arquibancadas para garantir a vitória de forma justa?

Mais do que nunca, eu morria de vontade de dar uma espiada na cabeça dela. Eu podia imaginar que os gritos eram suficientes para encher a sala do chão ao teto. Mas uma vez que ela superasse essa luta, certamente sairia do outro lado tendo crescido de alguma forma.

Espera, sério? Aguenta firme, Adachi!

Não, de jeito nenhum. Aguenta firme, Adachi.

Finalmente, depois que ela se cansou de rolar com o bichinho de pelúcia de foca, ela se sentou ereta, com um brilho opaco nos olhos. Agora eu estava prestes a ver o resultado do turbilhão pelo qual ela tinha acabado de passar.

Ela fechou os olhos… estendeu a mão esquerda na minha direção… e começou a avançar devagar, como um caracol.

“Você tem certeza de que deveria manter os olhos fechados?”

“Não consigo fazer isso com eles abertos!”

“Ah. Desculpa,” respondi no automático. Não sabia que funcionava assim.

Na ponta do braço rígido feito manequim dela, havia um punho tão fechado que parecia segurar as rédeas da sua paixão. Para alguém de fora, podia parecer que ela estava prestes a me dar um soco. E mesmo com os olhos fechados, a mão avançava direto para… algum lugar. Talvez ela só estivesse apertando os olhos com força.

Joguei um olhar de soslaio para nossos cadernos abertos e ri em silêncio. *É, eu sabia que não íamos estudar.* Então fechei os olhos também, prometendo aceitar o toque dela onde quer que fosse. Eu conseguia imaginar: duas garotas de olhos fechados, uma estendendo a mão para encurtar a distância. *Que estranho*, pensei enquanto esperava no escuro.

E enquanto esperava, só conseguia pensar nas amigas com quem ia sair nesse verão. Toda vez que nos encontrávamos, eu sempre me perguntava se seria a última vez. Mas eu queria vê-las, então eu ia — assim como a Adachi tinha vindo aqui hoje.

Uma luz suave, como o tremular gentil de uma vela, surgiu dentro de mim, e o calor tímido aos poucos me consumiu. O que derreteria primeiro: a cera ou a minha pele?

Engraçado como eu ainda reconhecia os dedos dela, mesmo de olhos fechados. Eu podia sentir a… alma dela? Será que a alma estava nas mãos dela? *Ah, entendi.* Se eu continuasse a aprimorar essa sensação, talvez eu também pudesse aprender a sentir a presença dela de longe.

Meus pensamentos estavam bem longe do que realmente estava acontecendo.

“Ah…”

O menor suspiro dela continha tanto, e quando o ouvi, voltei à realidade. Meus olhos se abriram, e…

“Então essa é a sua jogada, hein?”

Essa era a intenção dela. O que me tocava era o seu coração.

Quanto a onde ela estava me tocando… bem, algumas coisas eram para ficar só entre nós.

Os dedos dela se abriram e fecharam levemente, como se agarrassem algo macio, um sonho. Enquanto eu a observava, um sorriso pequeno surgiu no meu rosto. *Ela está no paraíso.*

Ali estávamos, em um mundo onde alguém poderia morrer com os olhos fechados, e o que estávamos fazendo? Talvez você revirasse os olhos e zombasse da gente. Mas um dia eu ia morrer, e a garota que vivia tão intensamente bem na minha frente também.

Se eu imaginasse o rosto dela sem o pânico, sem o rubor, todo gelo e sem calor, dava vontade de gritar. Se eu a imaginasse congelada para sempre, sem acordar e sem mudar, não importava o que eu fizesse, os gritos na minha cabeça ficavam mais altos. Sabe… *aaaaahh*. É difícil explicar, mas eu realmente não queria isso. A simples ideia já era esmagadora… e doía.

Pensar em perder a Adachi me fazia sentir como queijo ralado. Eu podia imaginar visceralmente a sensação do meu corpo sendo rasgado ao meio pelos ombros. Era assim que profundamente ela estava entranhada no tecido do meu dia a dia. As raízes da árvore Sakura dela se enroscavam em mim, e eu sabia que estava presa para sempre. Mas as flores que floresciam acima eram, admito, muito bonitas, então… parecia que eu tinha escolhido aceitar isso.

Embora ela estivesse numa batalha constante consigo mesma, ela mais uma vez manteve sua posição até o fim.

Alguém uma vez me disse que talento é a habilidade de fazer coisas que você nunca aprendeu. Talvez isso fosse verdade. Mas a Adachi pelo menos estava tentando fazer as coisas que ninguém nunca se deu ao trabalho de ensinar. Mesmo sem ter certeza se conseguiria, ela ainda dava o seu melhor, apesar do medo. E, se você me perguntasse, isso também era um tipo de talento.

“Adachi?”

“Wheh?!” Ela congelou, assustada, enquanto seu suor aumentava trinta por cento.

“Você é talentosa, sabia?”

“Hggbbhhg?!” Soava como se ela estivesse segurando uma explosão.

Deixando de lado o drama emocional, o que eu falei dava para entender de várias maneiras. Mas se eu tentasse explicar delicadamente o que queria dizer, provavelmente acabaria gritando e pulando por aí também. *Ah, deixa para lá.* Para conter o dano, canalizei meu constrangimento para o modo criação de resolver as coisas:

“Ada-cheechee safa-didi-nha!”

“Yyhhh, stbbgg?!” Agitando a mão direita vazia, ela alternava entre um pálido fantasmagórico e um vermelho intenso.

Isso. Essa era a Adachi que eu queria ver. A satisfação me envolveu como um abraço quente quando percebi: era isso que eu queria da Adachi agora. Talvez não fosse exatamente o que ela queria, mas eu faria o possível para chegar a um acordo.

Estudando, aprendendo e entendendo profundamente, eu podia chegar lá com ou sem algum dom divino. Certamente tínhamos tempo — tempo suficiente para isso. E talvez essa fosse a maior bênção de todas.

Eu posso não ter talento, mas vou lutar com unhas e dentes para acompanhar.

Olhei para os dedos que balançavam da Adachi, e enquanto a consciência de que eles tinham me tocado afundava devagar, fechei os olhos lentamente. Em outro lugar do mundo, pessoas estavam morrendo… e outras estavam respirando pela primeira vez.